

TU BISHVAT

טו בשבט



No dia quinze do mês de Shvat é “rosh hashaná lailanot”, o começo do ano para as árvores. Este dia acontece no fim do inverno (no hemisfério norte, em Israel), quando começa a época de florescimento das árvores e das plantas.

Esta é considerada uma festa menor, já que não é mencionada na Torá, aparece no Talmud e nos lembra sempre de nosso dever para com a natureza e o cuidado com o planeta.

“Quando sitiareis uma cidade por muito tempo para conquistar, não destrua suas árvores com machados, pode comer seus frutos. Porque o homem é árvore do campo...” (Deuteronômio 20:19) Diferentes versículos da Bíblia nos ensinam sobre o vínculo entre a árvore e o ser humano. Aparentemente, podemos aprender muito sobre o ser humano e sua essência observando as árvores e seu desenvolvimento.

“E será como uma árvore plantada por correntes de água, que dá seu fruto em seu devido tempo e cujas folhas não murcham; e assim florescerá tudo que fizer.” (Salmos 1:3)

Um dos aspectos é o vínculo com a terra. Assim como uma árvore cresce da terra, o ser humano se alimenta da terra. Assim como a árvore morre ao ser separada da terra, também o ser humano não pode viver desenraizado.

Um dos motivos de tanto sofrimento em nossa época é justamente a falta de pertencimento social. O sentimento de solidão, sentir-se estranho na multidão e nas redes sociais. A falta de enraizamento, como uma planta artificial ou uma flor sintética, de plástico que não necessita de terra e água e por isso nem cresce nem floresce, ainda que não murche.

A proposta das nossas fontes é outra. Os textos descrevem o “tzadik” (justo) plantado em um lugar bonito, próspero e dando frutos.

“O justo florescerá como a palmeira. Crescerá como o cedro no Líbano. Plantados na casa de Adonai, florescerão nos átrios de nosso Deus.” (Salmos 92, 13-14)

O ser humano vinculado ao lugar, estabelece relação e compromisso com seu entorno. É assim que tem probabilidade de florescer, avançar, melhorar e dar frutos.

Outra qualidade das árvores é a relação e proporção entre as raízes e os galhos.

Este paralelo é mencionado no Talmud: “Aquele cuja sabedoria supera a suas boas ações se parece com uma árvore de folhagem pesada mas com raízes são fracas: quando sopra o vento, desenraiza a árvore e derruba a terra; pois está dito: (Jeremias 17:6 ‘E será como o arbusto no deserto, n aterra salgada e inabitável.’ Mas aquele cujas boas ações superam a sua sabedoria, se parecem com uma árvore de folhagem restringida, mas suas raízes são fortes: e, ainda que todos os ventos da terra desencadeiem sobre ele, permanece intacto, pois assim está dito (Jeremias 17:8) ‘E será como uma árvore plantada na beira das águas, que lança suas raízes para a correnteza, e não teme a chegada do calor, conserva sua folhagem verde, em ano de seca não a sente e não deixa de dar fruto’” (Avot, 3:17)

Parece ser que devemos nos ocupar com as raízes, de nossas ações no mundo para conquistar a estabilidade e o equilíbrio justo. Ainda que as raízes não são visíveis, são as que permitem que cresçam as folhas verdes e os frutos doces. As raízes são as que fixam a árvore n aterra. Se nossas raízes são nossas ações, deveríamos cuidar delas, estabelecendo sempre um bom equilíbrio entre sabedoria, sonhos e desejos.

Rabina Judy Nowominski

Comunidade Bet Hilel, Cidade Autônoma de Buenos Aires, Argentina.

(Chagim uMoadim é uma publicação de Masorti AmLat)